

EDITORIAL - VOLUME 1

Entre 2016, quando ficou mais evidente o problema da disseminação de informação incorreta e do uso de desinformação em eleições a partir do caso dos Estados Unidos, até 2022, quando o mundo ainda tenta superar a pandemia da Covid-19 e ainda precisa desmentir conteúdos baseados em pseudociência que já custaram vidas, são seis anos de produção acadêmica que busca descrever e explicar o fenômeno e a sua relação com diferentes plataformas digitais. Por razões de ordem cultural, política, social e comunicacional, o Brasil é um dos países mais afetados pela desinformação on-line. Nos últimos anos, portanto, os espaços digitais propícios à sociabilidade, a conversas políticas e a discussões públicas têm sido reduzidos a arenas orientadas por proselitismo e por disputas dogmáticas que miram a “verdade dos fatos” – e não mais as “versões dos fatos” – com pouca abertura para a pluralidade de ideias ou pontes entre grupos heterogêneos do ponto de vista político-ideológico. Esse quadro tem gerado um amálgama de problemas sociais e ameaças democráticas com efeitos a curto, a médio e a longo prazo.

Diante desse panorama complexo, a Revista Culturas Midiáticas lança, em dezembro de 2022, o primeiro volume do Dossiê “Fronteiras da Desinformação”, cujo objetivo é oferecer ao público acadêmico e à sociedade pesquisas que trabalham diferentes problemas, objetos e métodos para lidar com esse mesmo fenômeno. O Volume 1, portanto, tem como foco artigos científicos que estudam a desinformação on-line a partir das perspectivas das competências midiáticas, da checagem de fatos e do jornalismo. Previsto para o primeiro semestre de 2023, o Volume 2, por sua vez, reunirá trabalhos focados em processos eleitorais, campanhas digitais e política on-line.

O trabalho que abre este dossiê, “Desinformação e política no debate público-político digital contemporâneo. Análise de casos e reflexões”, é uma contribuição de Ainara Larrondo Ureta, Eva María Ferreras Rodríguez e Julen Orbegozo Terradillos. O texto discute o fenômeno da desinformação, sua conceituação e evolução recente, destacando como a “botequização da mídia” impacta a dimensão política e social do fenômeno. Os autores analisam três casos do cenário espanhol como base para reflexões e discutem estratégias para o combate à desinformação, como o letramento midiático e as atividades de checagem de fatos, associadas ao ou independentes do jornalismo.

O dossiê tem sequência com três artigos que discutem letramento midiático e relações entre educação e uso das mídias como contribuições para lidar com o cenário de desinformação. O segundo artigo, intitulado “Diálogos entre a educação crítica para as mídias e a competência crítica em informação no combate à desinformação”, de autoria de Ana Paula de Alencar, Leandro Marlon Barbosa Assis e Alexandre Farbiarz, objetiva compreender como a

formação e a prática docente podem se favorecer de uma educação crítica para as mídias em conjunto com o desenvolvimento de competências críticas em informação a partir de uma revisão de literatura desses conceitos e relacionando-os com estudos sobre a formação de professores no Brasil.

Em seguida, o terceiro trabalho, dos autores Sergio Fajardo, Rudimar Baldisserra, Bruno Vinhola e Amanda Braga Silveira, dá continuidade ao debate sobre competências. “Desafio de Crítica da Mídia: formação de estudantes do ensino médio público para a competência midiática” investiga as percepções de participantes do projeto de extensão em relação às suas competências midiáticas, considerando que estas contribuem para o uso e a apropriação das mídias de forma crítica, em especial no combate à desinformação, ao mesmo tempo que incentiva a cidadania participativa.

“Universidades públicas no combate à desinformação: estratégias midiáticas para divulgar pesquisas e valorizar a ciência na pandemia da Covid-19”, o quarto artigo do volume e que encerra a seção voltada à discussão do letramento midiático, de autoria de Pedro Farnese e Francisco Angelo Brinati, descreve um estudo de caso que mapeou as estratégias de comunicação implementadas pelas Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) no Facebook durante os três primeiros meses da pandemia do novo coronavírus, analisando como os aparatos midiáticos utilizados por estas instituições auxiliaram a democratizar o conhecimento científico para a sociedade em geral.

A seção seguinte reúne trabalhos que se relacionam às atividades jornalísticas e às estratégias de checagem de fatos como contraponto à disseminação da desinformação. Eles compreendem que a desinformação é um processo que existe antes da pandemia da Covid-19 e não se tornou exclusiva para a crise sanitária após sua existência. O artigo "Vai terminar em pizza? Desinformação dos meios e a confiabilidade da população na CPI do Transporte Público em São Luís/MA" investiga as informações que circularam em torno da CPI que aconteceu em 2021 durante uma crise no setor do transporte público da capital maranhense. Sâmia Silva e Patrícia Sena avaliaram os comentários na página Imirante do Instagram, articulando conceitos de interação com métodos de análise do discurso, a fim de identificar o sentimento da população com o trabalho da comissão.

Lizete Nóbrega, Luciana Costa e Antonino Condorelli estudam como a agência de verificação de fatos Lupa identifica informações falsas como resposta ao cenário de caos informativo vivenciado nos últimos anos e principalmente quais são as formas de captação de recursos e manutenção da iniciativa. O artigo "Fact-checking e financiamento: os projetos da Agência Lupa no combate à desinformação", portanto, avalia principalmente os projetos especiais da organização, identificando suas potencialidades e também seus limites.

Fake news relacionadas à vacinação contra Covid-19 e sua mídia de origem constituem a base da análise empreendida no artigo de Denise Cristina

Ayres Gomes. Intitulada "Fake news e vacinação contra Covid-19: análise do blog Estadão Verifica", a pesquisa investiga as estratégias utilizadas pelo blog para desmentir informações falsas e sistematiza seis subtemas: efeitos colaterais, pesquisa, morte, conspiração, origem e outras. Uma das conclusões do artigo é que a maioria das fakes news provém das redes sociais digitais, especialmente o Facebook. Observa-se, ainda, que a agência de fact checking atua no sentido de favorecer que o próprio internauta comece a desenvolver habilidades para realizar por si checagens.

Propor uma definição para o conceito de "fotografias fake" a partir do prisma de suas possíveis agências na política brasileira é o objetivo do artigo de Jane Cleide de Sousa Maciel. A fim de discutir sobre o uso da linguagem fotográfica para a produção e a circulação de informações falsas, a pesquisa intitulada "O que seriam fotografias fake? Reflexões sobre o fotográfico em narrativas de desinformação política" realiza uma análise da agência Aos Fatos com base em fotografias fakes circuladas no período eleitoral de 2018 no Brasil. A autora apresenta sistematiza três diferentes recursos de falsificação: fotomontagem, descontextualização/recontextualização fotográfica e montagem texto-imagem, evidenciando como as fotografias podem interferir na cena política e em narrativas que desinformam.

A vertente jornalística das agências de checagem de fatos não é o único ramo desta prática que busca combater as informações falsas. Felipe Oliveira e Isadora Garcia propõem uma discussão de como as newsletters jornalísticas servem como uma forma de curadoria da informação digital nesse cenário de caos informativo. O serviço funcionaria como uma mediação qualificada nessa panaceia da informação on-line. O artigo "Curadoria em newsletters jornalísticas frente ao caos informativo" observa que a prática permitiria maior organização dos conteúdos e proximidade com o público, embora não possa agir sozinha no combate à desinformação, necessitando também, por exemplo, de fontes qualificadas.

Encerramos este primeiro volume do dossiê com o artigo "Telejornalismo e desinformação: usos e apropriações do WhatsApp pela produção de TV em Belém (PA) na pandemia de covid-19", de autoria de Elaide Martins e George Miranda. A pesquisa busca compreender o processo de produção televisiva, no contexto da pandemia, em seis emissoras de Belém (PA), para combater a desinformação em conteúdos recebidos via WhatsApp. Para isso, foram aplicados questionários on-line entre produtores do telejornalismo paraense ao longo do primeiro semestre deste ano. Entre os resultados está que todos os 28 respondentes utilizam o WhatsApp em suas rotinas de apuração, sobretudo durante a pandemia, ainda que isto esteja apontando para uma significativa precarização do trabalho jornalístico.

Com o devido agradecimento aos autores e às autoras que submeteram seus trabalhos para compor essa publicação, aos pesquisadores e às pesquisadoras que contribuíram com pareceres para o processo de avaliação, assim como à equipe editorial, convidamos todos e todas à leitura deste volume

com o desejo de contribuir para a produção de conhecimento acadêmico sobre a desinformação on-line.

Allysson Viana, Juliana Teixeira, Maria Lívia Pacheco e Tatiana Dourado – editores do dossiê